



O funcionamento discursivo de *tags* em vídeos de site pornográfico: um estudo via designação

The discursive functioning of *tags* in pornographic website videos: a study via designation

Louise Ariane da CAMPO*

Luciana Iost VINHAS**

RESUMO: A presente investigação reflete sobre o funcionamento discursivo de *tags* em um vídeo de mulher jornalista disponível no site pornográfico Xvideos. A pesquisa se insere no campo da Análise Materialista do Discurso e a elaboração teórica da análise é realizada a partir da designação. Como objeto de análise, foi tomado um dos milhões de vídeos disponíveis no site, o qual expõe uma mulher jornalista no exercício da profissão, apresentando a previsão do tempo em um telejornal da rede aberta de televisão. Consideramos que a relação estabelecida entre o vídeo e as *tags* selecionadas estão relacionadas ao funcionamento de uma formação discursiva sexualizadora, a qual naturaliza os efeitos de sentido relacionados ao corpo feminino como corpo-mercadoria existente em uma conjuntura sócio-histórica-ideológica patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Pornografia. Tags. Designação.

ABSTRACT: The present investigation reflects on the discursive functioning of *tags* in a video of a female journalist that is available on the pornographic website Xvideos. The research is based on the Materialist Discourse Analysis, and the theoretical elaboration of the analysis is carried out from the designation aspect of the language. The object of the analysis is one of the millions of videos available on the site; the video exposes a female journalist in the exercise of her profession, presenting the weather forecast in a news program on the open television network. We consider that the relationship established between the video and the selected *tags* is related to the functioning of a sexualizing discursive formation, which naturalizes the effects of meaning related to the female body as a body-commodity existing in a patriarchal socio-historical-ideological conjuncture.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Pornography. Tags. Designation.

Artigo recebido em: 04.04.2022

Artigo aprovado em: 20.05.2022

* Mestre em Letras pela UFPel. dacampolouise12@gmail.com.

** Doutora em Letras pela UFRGS. Professora de língua portuguesa na UFRGS. luciana.vinhas@ufrgs.br.

1 Considerações iniciais

Estudos sobre o papel da pornografia na configuração das sociabilidades ainda são pouco presentes na pesquisa brasileira. Essa constatação merece destaque, pois, se, por um lado, há poucas reflexões sobre o papel da pornografia na nossa formação social e sobre a sua circulação e formulação, por outro, o Brasil é um dos países que mais acessam pornografia no mundo. No que concerne ao consumo de pornografia especificamente na internet, dados indicam que o Xvideos.com, internacionalmente reconhecido como o maior site existente de conteúdo pornográfico, com mais de 10 milhões de vídeos disponíveis, foi um dos dez sites mais acessados no país no mês de maio de 2021¹ e é reconhecido como o site adulto mais acessado no Brasil, conforme levantamento da companhia de tecnologias e informação *SimilarWeb*, realizado em 2021².

Considerando tais informações, nossa primeira indagação concerne ao papel dos estudos da linguagem na pesquisa sobre pornografia. Ao nos situarmos no campo teórico da Análise Materialista de Discurso (AD), conforme desenvolvida por Michel Pêcheux, compreendemos os processos de significação sempre em relação a elementos sociais, históricos e ideológicos, os quais se encontram materializados na língua e em outras formas materiais. Tal compreensão configurou o campo de abrangência da presente pesquisa, que tomou o site Xvideos como espaço de observação dos processos linguístico-discursivos referidos à produção e ao consumo de pornografia. Tomamos como concepção teórica sobre o espaço online os estudos de Gallo (2017), estabelecendo a plataforma pornográfica como espaço enunciativo informatizado de produção, circulação e consumo de práticas de sexualização, entendido como um arquivo digital que opera como um repositório orgânico e ideologicamente determinado de vídeos considerados pornográficos.

¹ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/ranking-mostra-os-10-sites-mais-acessados-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 17 fev. 2022.

² Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/top-websites/brazil/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

O estudo do site em questão foi importante para definirmos um local apropriado para se refletir sobre como a língua opera na relação entre o vídeo que está sendo objeto de consumo, disponível na plataforma online, e a indagação ao sujeito-leitor, possível consumidor do *conteúdo*³ colocado em circulação nos vídeos. É neste ponto que a nossa reflexão se direciona para o emprego das *tags* nas descrições dos vídeos disponíveis nessa plataforma pornográfica, aberta para o consumo de qualquer sujeito-usuário⁴ da internet, com conteúdos livres (gratuitos)⁵ e, também, com conteúdos pagos. As *tags* são presentes desde a entrada no site, visíveis no topo da página, conforme pode ser observado em (figura 1).

Figura 1 —Lista de tags presente na página de entrada do Xvideos.



Fonte: extraída do site pornográfico Xvideos⁶.

Na página inicial da plataforma há alguns vídeos e uma barra de pesquisa disponível para o sujeito-usuário-consumidor realizar sua busca. Diferente de outras

³ Embora não seja condizente com os pressupostos teóricos da Análise de Discurso, optamos por empregar, aqui, o termo “conteúdo”, próprio da linguagem do marketing digital, para manifestar a concepção vigente sobre o capitalismo no espaço digital, com o deslocamento da forma-mercadoria para o trabalho dos algoritmos. O termo aparecerá sempre grifado para referir ao incômodo de sua presença em um recorte teórico-analítico baseado na semântica discursiva, que disputa os sentidos sobre a relação entre linguagem e processos de significação, não possível de ser tornada transparente e transformada em *conteúdo*.

⁴ Em Da Campo (2021, no prelo), foi estabelecida uma diferença entre sujeito-usuário-produtor e sujeito-usuário-consumidor, fazendo referência aos diferentes processos que englobam as atividades referentes aos usuários dos sites de pornografia. Com isso, tentamos relacionar o processo de interpelação ideológica, dependente da relação do sujeito com formações discursivas de identificação, e o site pornográfico como espaço enunciativo informatizado.

⁵ Ao fazermos uma busca pelo “xvideos” no Google, aparece a seguinte descrição para a primeira entrada referente à palavra: “XVIDEOS.COM: Free Porn Videos”. Ao clicar no link, a página ganha a tradução para o português: “Vídeos pornô gratuitos - XVIDEOS.COM”. Chama a atenção a presença do adjunto “gratuito/free” como identificação do site. Apesar de ser gratuita, a propaganda é presente desde a tela de abertura do site.

⁶ Disponível em: xvideos.com. A busca foi realizada no dia 17 de fevereiro de 2022 em aba anônima do Google Chrome, sem que a usuária estivesse logada em nenhum outro site. As tags que aparecem na entrada do site podem variar conforme os termos mais pesquisados pelos usuários e outros critérios de classificação algoritmizados.

plataformas de hospedagem de vídeos, como Youtube, as *tags* já podem ser observadas abaixo da barra de pesquisa. Essas *tags* não são permanentes, pois costumam mudar conforme o número de pesquisas que cada uma recebe; isso significa que as *tags* mais pesquisadas se mantêm na aba inicial por mais tempo.

A presente reflexão tem como objetivo analisar o funcionamento discursivo das *tags* em vídeos de sites pornográficos através da elaboração teórica da Análise de Discurso sobre a designação. Tomaremos como objeto de análise um dos milhões de vídeos disponíveis no site, o qual expõe uma mulher jornalista no exercício da profissão apresentando a previsão do tempo em um telejornal da rede aberta de televisão. A descrição e a interpretação do *corpus*, assim como a configuração dos conceitos teóricos necessários para o desenvolvimento do trabalho, serão apresentados na seção a seguir. O trabalho é concluído com a apresentação das considerações finais, seção na qual retomaremos os pontos principais da pesquisa em torno da relação entre pornografia, linguagem e discurso.

2 O funcionamento discursivo das tags no site pornográfico: análise de um vídeo

Para que possamos trazer considerações sobre a relação entre os estudos da linguagem e a pesquisa sobre pornografia, precisamos delimitar o campo teórico com o qual nos identificamos e, com isso, a concepção de língua que embasa tal campo. Na Análise Materialista de Discurso, a língua existe enquanto forma material, determinada pelas relações entre subjetividade, ideologia e história, não entendida como unidade abstrata com um fim em si mesma, mas como elemento material que conduz para os processos de significação dependentes do processo de interpelação ideológica. Nesse sentido, considerar que as *tags*, enquanto formas linguísticas materiais, apontam para a relação entre produção, circulação e formulação dos sentidos na nossa formação social, significa considerar que, mesmo em um site pornográfico - onde os sujeitos-usuários buscam reconhecer, com o acesso aos vídeos disponibilizados, algo sobre sua sexualidade e sobre o prazer sexual -, existe o

atravessamento das determinações sociais, históricas e ideológicas. As *tags* operam, portanto, como um dos elementos materiais que atuam na configuração do site pornográfico que reproduz as relações de dominação na formação social capitalista e patriarcal. Para compreender esse funcionamento, será necessário falar sobre designação.

Antes disso, vamos explicar melhor o funcionamento do site e sua configuração, tentando estabelecer relações com a perspectiva discursiva materialista. Apresentaremos regularidades importantes do Xvideos; nosso objetivo, no entanto, não é demonstrar todas as características do site, mas apresentar alguns recortes que podem auxiliar para o entendimento dos processos de significação da plataforma. É também nesta seção que apresentamos a descrição e a interpretação da sequência discursiva selecionada para análise.

O Xvideos foi lançado em 2007 como um site de compartilhamento de materiais pornográficos. Ele faz parte da empresa tcheca *WGCZ Holding*. Na plataforma, os vídeos profissionais se misturam aos vídeos amadores. Para acessar o site, não é preciso comprovar maioridade; nesse sentido, pessoas de qualquer idade podem acessar facilmente os materiais audiovisuais ali presentes. Atualmente, há um novo formato de organização da plataforma que define a produção de leitura dos sujeitos-usuários-consumidores, que é o Xvideos RED, onde é possível acessar materiais exclusivos através de uma assinatura mensal.

Conforme já mencionado, logo abaixo das *tags* que aparecem na entrada do site é exposta uma seleção de vídeos; essa entrada oferece ao sujeito-usuário dois “menus” gratuitos para consumo dos vídeos do site. O primeiro menu diz respeito às *tags*, através das quais o sujeito-usuário-consumidor pode identificar o tipo de vídeo a que gostaria de assistir. Essas *tags* podem fazer referência a elementos variados presentes nos vídeos, tais como “peitão”, fazendo referência a um atributo físico das pessoas presentes nas produções, ou “árabe”, que trata da etnia da personagem na filmagem.

Também pode referir às práticas sexuais propriamente ditas, tais como “anal”, “boquete” ou “gangbang”.

Já o segundo menu diz respeito a uma lista de vídeos possíveis de serem visualizados abaixo das *tags*. Esses vídeos ficam disponibilizados em janelas, com uma imagem referente ao vídeo e uma breve descrição abaixo da sua imagem - geralmente uma oração na qual se descreve o que acontece no vídeo, como, por exemplo, “Universitária gostosa faz sexo com o professor para obter melhores notas”. Ao posicionar o mouse sobre o vídeo, são passados recortes, funcionando como uma breve pré-visualização do *conteúdo* pornográfico que poderá ser consumido. Além de conseguirmos observar a imagem de capa e a descrição do vídeo, está escrito o nome do perfil que o disponibilizou (no formato de link clicável), o número de visualizações e a duração. Alguns dos vídeos disponibilizados na primeira página podem ser pagos (nesse caso, não aparecem recortes da íntegra do vídeo ao se colocar o mouse sobre a imagem). Percebe-se, com isso, o papel protagonista que as *tags* desempenham no site pornográfico, considerando que elas são facilmente visualizadas na entrada do site e, ao clicar nos vídeos, podemos verificar quais foram as *tags* empregadas para “classificar” o vídeo selecionado, cabendo ao algoritmo o papel de gravar nossas preferências e reproduzi-las posteriormente.

O formato e design do Xvideos são características interessantes da plataforma. A estrutura do site utiliza apenas três cores: preto, branco e vermelho. Acessar e navegar no Xvideos é simples, se comparado a outras plataformas mais elaboradas e com muitos recursos, como Facebook, Instagram, Twitter e Youtube.

As interfaces gráficas de sites pornográficos criam, como destaca o pesquisador Patrick Keilty (2018), especialista em tecnologia da informação e em Estudos de Pornografia, um espaço onde o sujeito-usuário-consumidor navega de um material para o outro, prolongando seu engajamento, seja por prazer ou para manter o tédio sob controle.

Segundo o autor, a organização de sites de *streaming* de vídeos pornográficos utiliza de várias modalidades midiáticas, como gifs, sons, transmissões ao vivo, design gráfico, animações, entre outras. Nesse sentido, como aponta Keilty (2018), o visitante do site pornográfico se envolve com diversas mídias ao mesmo tempo quando acessa esse espaço de produção, circulação e consumo de práticas de sexualização.

De acordo com Keilty (2018, p. 1), os sites pornográficos podem parecer amadores quando observamos suas estruturas. Contudo, são empresas de tecnologia bastante sofisticadas que costumam empregar inúmeros profissionais que projetam e desenvolvem “interfaces, algoritmos, software de dados, análise de dados, software de streaming de vídeo e sistemas de gerenciamento de banco de dados”. Conforme o autor, essa é uma indústria inovadora nas práticas algorítmicas e de ciência de dados.

As *tags* são uma característica importante na plataforma Xvideos (e em sites adultos, em geral). Elas são palavras-chave utilizadas em diversos sites, não apenas nos pornográficos, com o intuito de tematizar categorias em que estão organizados os materiais da plataforma e são estipuladas pelo sujeito-usuário-produtor ao disponibilizar o vídeo. Além disso, elas funcionam como uma forma de orientar o sujeito-usuário-consumidor a buscar o que gostaria de consumir, possuindo um funcionamento similar às *hashtags*, pois ambas geram um arquivo digital “etiquetado” para facilitar o consumo.

Conforme Gallo (2017, p. 431), a circulação é uma das grandes recompensas que há no digital. Ela pode levar o material para milhares de usuários em pouco tempo. No entanto, há algumas regularidades que precisam ser seguidas, como: submeter o material “à normatização da rede” em que ele vai circular, ou seja, “formulá-lo segundo essa normatização”. Nesse sentido, as *tags* são uma normatização do Xvideos que precisa ser seguida para uma boa circulação do produto dentro desse espaço enunciativo informatizado.

Como explica Bakonyi (2012), as *tags* estão sujeitas à decisão do sujeito-usuário-produtor que envia o material. Geralmente, essas *tags* são fornecidas na interface do

site, ou seja, quem está consumindo tem que escolher entre um número limitado de opções ou criá-las no momento da hospedagem do vídeo. Além disso, as palavras utilizadas como *tags* são criações do sujeito-usuário-produtor ao hospedar o material no site (BAKONYI, 2012).

Como a escolha fica a critério de quem está disponibilizando o vídeo no site, essas opções acabam sendo subjetivas. Em uma das análises preliminares que fizemos durante a execução desta pesquisa, constatamos que: 1) em geral, no Xvideos são utilizadas muitas *tags* em cada vídeo; e 2) várias dessas *tags* não correspondem, necessariamente, aos elementos que compõem o vídeo.

O fotograma seguinte é um recorte da Sequência Discursiva (SD) analisada nesta pesquisa. É um vídeo de uma mulher jornalista em exercício de sua profissão, apresentando a previsão do tempo em um jornal televisivo brasileiro. O material foi transmitido ao vivo e disponibilizado, posteriormente, no site da emissora que detém os direitos da produção. No entanto, o vídeo foi deslocado para o site pornográfico e está disponível no Xvideos.

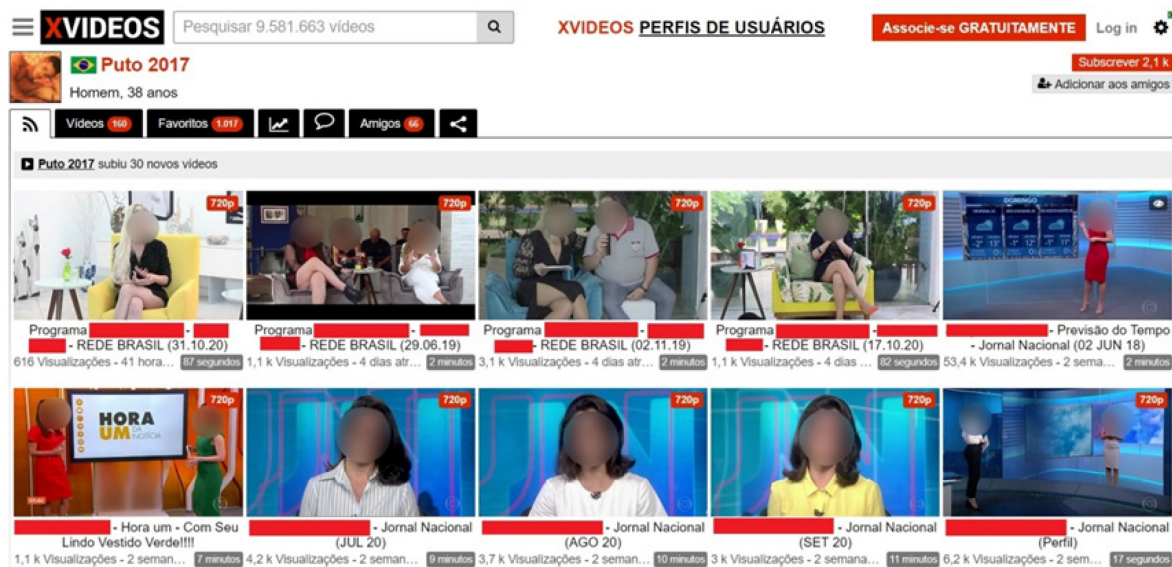
Figura 2 –Fotograma da SD1. *Print* realizado em 06 de novembro de 2020.



Fonte: extraída do site pornográfico Xvideos.

O material possuía, na data da captação da imagem, 53.237 visualizações e foi hospedado por uma conta intitulada “Puto2017”, que possuía mais de dois mil seguidores. Diante do número de seguidores da conta responsável pelo vídeo, resolvemos acessá-la para observar o tipo de material que estava nela disponível.

Figura 3 — Fotograma da página inicial da conta “puto2017”, *print* realizado em 06 de novembro de 2020.



Fonte: extraída do site pornográfico Xvideos.

Ao acessarmos a conta “Puto2017”, fomos afetadas por um estranhamento causado pelo excesso de vídeos de mulheres jornalistas e apresentadoras de televisão que foram deslocados de seu espaço original e disponibilizados no Xvideos. No dia em que a captação foi realizada (06 de novembro de 2020), a conta possuía 106 vídeos e a maior parte desse número eram vídeos de mulheres que trabalham na televisão. A existência de uma conta no Xvideos que possui apenas esse tipo de vídeo materializa um efeito de sentido de que as mulheres jornalistas e apresentadoras podem ser categorizadas na plataforma da mesma forma que acontece com outros corpos femininos.

Ao observar a SD1, é possível verificar que há 15 *tags* no vídeo e todas elas foram estabelecidas pelo sujeito-usuário-produtor que hospedou o material. A maioria das *tags* são descritivas, como *loira*, *branquinha* e *bunduda*. No vídeo, consta apenas a

jornalista apresentando a previsão do tempo em um programa jornalístico televisivo. Como ressaltamos, essas *tags* não correspondem, necessariamente, aos elementos que compõem o vídeo, pois elas são escolhas do sujeito-usuário-produtor que refletem uma relação entre o que está sendo visto no vídeo e seu imaginário, forjado ideologicamente, sobre a mulher jornalista. Além disso, também entra em cena uma relação de antecipação sobre aquilo que o usuário “imagina” ser de interesse do interlocutor, isto é, o sujeito-usuário-consumidor.

Esse é um processo de designação no qual o imaginário projeta o(s) item(ns) lexicais que melhor encapsulariam o efeito de sentido que se tenta estabelecer (via esquecimento n° 2), os quais viram *tags* na plataforma. A forma como as *tags* são produzidas permite-nos visualizar o funcionamento do esquecimento n° 2, através do qual o sujeito, interpelado ideologicamente, busca formular a melhor maneira de capturar os cliques que tornarão o vídeo competitivo na plataforma (com alto número de visualizações). É somente ao se identificar com uma formação discursiva e ao tentar antecipar a forma como o sujeito pode ser fisgado que a elaboração das *tags* é possível. As relações imaginárias são, portanto, determinadas pela formação discursiva de identificação do sujeito enunciator; é o imaginário que traz à tona como esse sujeito se relaciona com a ideologia, e a materialização dessa relação toma corpo através das designações formuladas nas *tags*.

Como já apontado, o site pornográfico estabelece uma relação de fornecimento e consumo, que está estreitamente ligada às configurações da formação social capitalista. Os vídeos pornográficos estão em um contexto de consumo de corpos. Dessa forma, até os vídeos que não são pornográficos se tornam objetos de consumo e sexualização na plataforma pornográfica.

Ao escolher as palavras que serão as *tags* dos vídeos, o sujeito-usuário-produtor tenta gerenciar o sentido daquilo que é formulado. No Xvideos, esse gerenciamento das *tags* tem o objetivo de cativar o sujeito-usuário-consumidor para o vídeo. Mas, para

atingir esse objetivo, há os dois esquecimentos da AD em funcionamento. Vamos nos deter mais um pouco neste ponto teórico.

Os esquecimentos nº 1 e nº 2, propostos por Pêcheux e Fuchs (1997 [1975]), funcionam através de uma relação entre ideologia e inconsciente. No esquecimento nº 1, o sujeito tem a ilusão de que está na fonte do sentido. Já no esquecimento nº 2, o sujeito tem outra ilusão: ele acredita que pode controlar os efeitos de sentido de seus discursos.

De acordo com Vinhas (2020, p. 91), o primeiro esquecimento diz respeito a uma operação que é necessária para a existência da subjetividade, pois o esquecimento faz parte da “incompletude subjetiva”, e, nesse processo, são necessárias a “interpelação ideológica” e o “atravessamento do inconsciente”. Assim, no momento em que o sujeito-usuário-produtor escolhe as *tags*, podemos compreender que ele o faz em um jogo pré-consciente/consciente; no entanto, os mecanismos que permitem que algo seja formulado pelo sujeito-usuário-produtor não lhe são acessíveis, e esse funcionamento diz respeito à atuação do esquecimento nº 1. Na seleção das *tags*, está envolvido um processo ideológico que leva o sujeito a escolher uma palavra em detrimento de outra.

Ao enunciar, o sujeito exerce escolhas de estruturas linguísticas que ele tem disponíveis em sua língua, mas esse processo acontece ideologicamente; designar, então, está estritamente relacionado à ideologia. Nesse sentido, Pêcheux e Fuchs (1997 [1975], p. 177) explicam que o esquecimento nº 1 está vinculado ao inconsciente e pode ser compreendido “no sentido em que a ideologia é constitutivamente inconsciente dela mesma”.

O esquecimento nº 2, conforme Pêcheux e Fuchs (1997 [1975], p. 177), remete ao funcionamento de tipo pré-consciente/consciente. Nesse esquecimento, estão “as estratégias discursivas” utilizadas pelo sujeito. Na escolha das *tags*, compreendemos que há uma seleção por parte do sujeito-usuário-produtor, e essa seleção é feita a partir da formação discursiva com a qual está identificado.

A formação discursiva, conforme Pêcheux (2009 [1975], p. 147), é o que determina “o que pode e deve ser dito” a partir da formação ideológica, da posição dos sujeitos, da luta de classes e da conjuntura. Desse modo, os significados das palavras dependem diretamente da formação discursiva, a partir da qual ganham sentido. Orlandi (2009) explica tal processo indicando que é a formação discursiva que explica o porquê de as palavras não possuírem sentido nelas mesmas, já que elas derivam de formações discursivas diferentes, e essas, por sua vez, correspondem às formações ideológicas em que estão inscritas. Dessa forma, uma mesma palavra pode significar diferentemente em formações discursivas distintas. Segundo a autora,

(...) é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente (ORLANDI, 2009, p. 44).

Esse funcionamento marcado pelos já-ditos é o que possibilita os efeitos de sentido sobre as mulheres jornalistas encontrados no Xvideos. Ao direcionar o olhar para o passado, é possível perceber que as discussões que evocam a figura da mulher passam por diversos percursos e âmbitos que colaboram para a construção das identidades femininas. São muitos os sentidos construídos sobre a mulher ao longo do tempo: “sexo frágil”, “mulher do lar”, “propriedade de um homem”, “objeto de desejo”, “objeto de prazer”, “objeto de sexualização”, entre tantos outros. Por um longo período, as mulheres foram assujeitadas ideologicamente pelas posições dominantes nas formações sociais.

A AD entende os efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos a partir da história; os sujeitos são compreendidos como historicamente construídos. Assim, o processo sócio-histórico-ideológico é um indicativo importante para entender a representação das identidades. É a partir desse contexto que conseguimos visualizar

possíveis causas que fazem com que algo tão improvável, como um vídeo de uma mulher jornalista trabalhando, seja hospedado em um site pornográfico.

Diante disso, em nossa análise, entendemos que os processos discursivos encontrados em vídeos de mulheres jornalistas trabalhando, disponibilizados no Xvideos, estão materializados em uma FD que chamaremos de **FD sexualizadora**. Essa composição da FD foi apreendida no processo analítico, não tendo sido definida antes da realização das análises. Portanto, os sentidos são colocados em circulação a partir das formulações das *tags* alinhadas aos vídeos depositados no site; esse processo depende da formação discursiva de interpelação/identificação com a qual os sujeitos-usuários-produtores se identificam. Nela, a sexualização do corpo feminino é um processo discursivo que ganha estatuto de obviedade, sendo impossível que não seja dessa forma.

Nesse sentido, o sujeito interpelado pela FD sexualizadora entende o corpo feminino como um corpo que é objeto de sexualização, de desejo, e que está disponível para consumo, isto é, um **corpo-mercadoria**, que existe para o entretenimento/prazer dos homens, inclusive quando a mulher está exercendo atividades cotidianas, como o trabalho. Esses gestos de sexualização e mercantilização das mulheres jornalistas na plataforma pornográfica conformam o corpo dessas jornalistas a uma rede discursiva que coloca as mulheres em uma posição de objeto e produto.

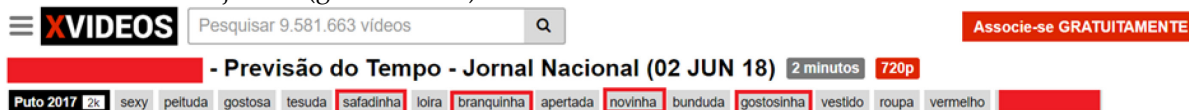
A simples disponibilização da SD1 no Xvideos já significa muito, pois esse gesto de interpretação do usuário, mobilizado pelo imaginário (afetado pelas determinações sócio-histórico-ideológicas), foi o que possibilitou um julgamento de que um vídeo da jornalista apresentando a previsão do tempo caberia no escopo de um site pornográfico.

Nessa acepção, o sujeito sempre ocupa um lugar social, que é afetado diretamente pelas relações de poder (GRIGOLETTO, 2007). As relações de gênero, nesse sentido, estão ligadas às relações de poder, pois é através delas que é possível visualizar a forma como o poder opera no discurso. Os grupos que, socialmente,

possuem mais poder, influenciam nos “processos de subjetivação de outras pessoas ou grupos” (FUNCK, 2009, p. 481). Historicamente, os homens têm sido os detentores do poder em todos os âmbitos da vida social. Dessa forma, as representações das identidades femininas sofrem a influência do imaginário dos sujeitos que detêm o poder e reflete na forma como eles enxergam e representam as mulheres.

Conforme podemos observar no recorte do fotograma da SD1 disponibilizado abaixo (figura 4), o sujeito-usuário-produtor utilizou 15 *tags* para realizar o processo de “tagueamento” do vídeo. Uma delas foi borrada (bloco vermelho ao lado da *tag vermelho*), pois ela foi construída com o nome da jornalista do vídeo. Dentre as outras 14 *tags* utilizadas, temos quatro palavras empregando sufixos diminutivos: *gostosinha*, *safadinha*, *novinha* e *branquinha*.

Figura 4 — Recorte do fotograma da SD1 – *tags* com excesso de sufixos diminutivos atrelados aos adjetivos (grifos nossos). *Print* realizado em 06 de novembro de 2020.



Fonte: extraída do site pornográfico Xvideos.

A utilização da partícula “inha” ou “inho”, do ponto de vista morfológico, é compreendida nas gramáticas normativas como um morfema que indica diminutivo. Na SD1, observamos um excesso, conforme desenvolvimento teórico de Ernst (2009), do acréscimo do sufixo diminutivo “inha” aos adjetivos. Semanticamente, a utilização dos diminutivos pode significar de diversas maneiras, assumindo inúmeros efeitos de sentido.

A pesquisadora Helia Cunha (2014) possui um estudo sobre diminutivos, porém partindo de outro campo de estudo, a Estilística Semântica. Apesar da diferença teórica, compreendemos que algumas de suas considerações sobre a significação dos diminutivos contribuem para as reflexões que estamos trazendo.

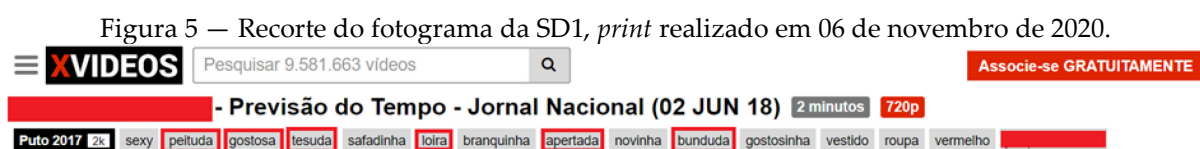
De acordo com Cunha (2014), os diminutivos possuem inúmeros significados; devido a isso, a análise precisa ser feita a partir do contexto de produção do enunciado.

Segundo a pesquisadora, os diminutivos podem: causar constrangimentos, ofender ou demonstrar desprezo por alguém; revelar ironia e antipatia; dar um significado carinhoso a algo ou alguém; e podem designar, também, algo que seja sensual ou excitante.

Na SD1, o excesso dos sufixos diminutivos confere marcas de um processo de sexualização da mulher jornalista, principalmente quando nos deparamos com a designação *safadinha*, pois, a partir dela, podemos levantar o questionamento: *como uma mulher que está apenas apresentando a previsão do tempo pode ser designada como safadinha?* É através dessas designações que se viabiliza, discursivamente, o processo de sexualização dessas profissionais, que acontece através da historicidade presente na materialidade da língua e afeta os sentidos das representações dessas mulheres.

Para pensarmos sobre os efeitos de sentido, precisamos reconhecer que eles são produzidos de acordo com determinadas condições. Devido a isso, é necessário observá-las. Na SD1 também é possível observar outro processo de significação: os efeitos de sentido das *tags* são diferentes de sites não pornográficos. Como aponta Bakonyi (2012), enquanto no Youtube há categorias como *carros e veículos* ou *pets e animais*, em sites pornográficos as categorias são diferentes, como: *morenas/latinas, novinhas, asiáticas, loiras, ruivas* etc. Tais *tags* categorizam os corpos dentro da plataforma, funcionando discursivamente e constituindo um lugar de poder. É um funcionamento similar, por exemplo, a um catálogo de produtos. No entanto, o que está disponível para consumo são os corpos femininos, isto é, os corpos-mercadorias (DA CAMPO, 2021).

Na SD1 há também a utilização das *tags* seguintes: *peituda, gostosa, tesuda, loira, apertada e bunduda*; como pode ser observado no mesmo recorte do fotograma da SD1, com os destaques na figura 5:



Fonte: extraída do site pornográfico Xvideos.

Esse funcionamento das *tags* como recurso de categorização implica tanto na disponibilização do material quanto na busca dentro da plataforma. Quando o sujeito-usuário-produtor seleciona as designações que serão utilizadas como *tags*, ele categoriza seu material. Dessa forma, quando o sujeito-usuário-consumidor realiza uma busca por determinada *tag*, ele se depara com vídeos que estão categorizados pela designação. Por exemplo: se um sujeito-usuário-consumidor, procura pelas *tags loira* ou *tesuda*, em alguma das páginas de resultados haverá o vídeo que corresponde à SD1 - que, originalmente, é um vídeo de uma mulher jornalista apresentando a previsão do tempo em um canal de televisão da rede aberta.

A categorização através das *tags* gera um arquivo dentro do Xvideos. Para pensar sobre a noção de arquivo, precisamos retornar a Michel Pêcheux. Em seu texto *Ler o Arquivo Hoje*, Pêcheux (2010 [1982], p. 51) apresenta o arquivo como um “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Ao refletir sobre arquivo, o autor ressalta a importância da leitura e da interpretação como fundamentais na construção do arquivo, sendo que sempre existe um resto inapreensível na composição do arquivo, que produz efeitos por sua ausência. Somente é possível compreender o arquivo dessa maneira a partir de uma perspectiva discursiva, que coloca em jogo subjetividade, história e ideologia.

Contudo, como explica o autor, ao longo do tempo o arquivo passou a ser utilizado com fins estatais ou comerciais e, devido a isso, foram desenvolvidos métodos de tratamento em massa dos arquivos textuais para transformá-los em algo “facilmente comunicável, transmissível e reproduzível” (2010 [1982], p. 52). Por essa razão, “o fato da língua”, de que fala Pêcheux (2010 [1982], p. 58), foi e continua sendo subestimado nas leituras do arquivo. De acordo com o autor, a leitura do arquivo precisa ter em vista as materialidades da língua na discursividade do próprio arquivo.

Partindo dessas considerações, é importante ressaltar que a *tag* é língua e não apenas uma ferramenta disponível em um site no espaço digital. Além disso, as *tags* funcionam sob efeito de arquivo, pois cada uma carrega esse “campo de documentos

pertinentes e disponíveis sobre uma questão” a que se refere Pêcheux (2010 [1982], p. 51). As *tags*, portanto, configuram um arquivo digital⁷, funcionando como repositório de documentos, que, no caso analisado, são os vídeos.

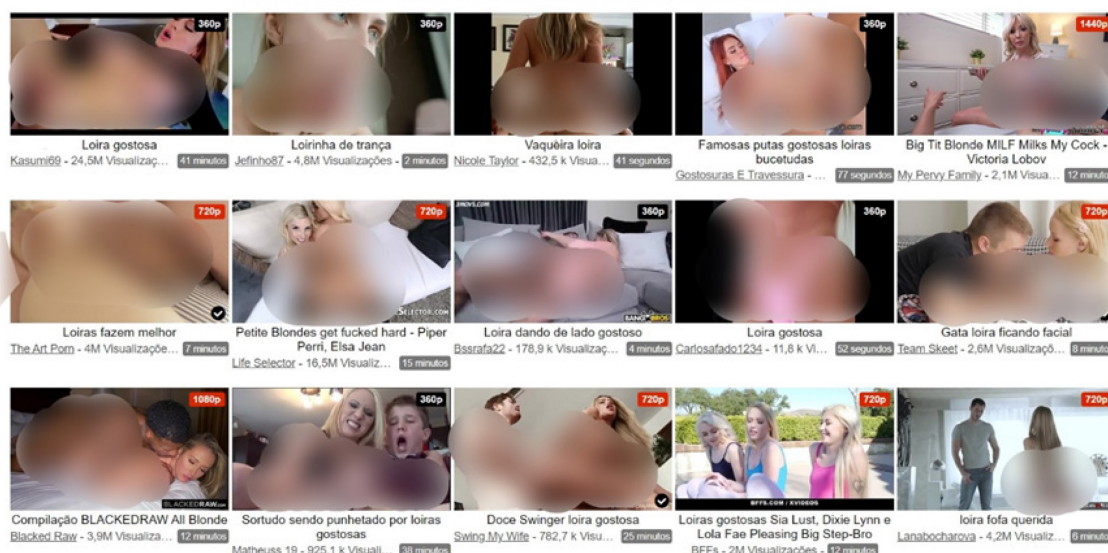
Essa característica de categorização das *tags* implica na organização de diferentes materiais sobre um mesmo tema em um único espaço. Para demonstrar a que estamos nos referindo, realizamos uma incursão na tag *loira*, uma das *tags* presentes na SD1. Ao clicar nesta *tag*, nos deparamos com uma série de materiais que indicam um resultado de 79.274 vídeos encontrados (figuras 6 e 7).

Figura 6 – resultados da tag “loira” (grifo nosso), *print* realizado em 08 de setembro de 2021.



Fonte: extraída do site pornográfico Xvideos.

Figura 7 – incursão à tag “loira” no Xvideos, *print* realizado em 08 de setembro de 2021:



Fonte: extraída do site pornográfico Xvideos.

Em uma análise quantitativa, percebe-se que o arquivo digital gerado através da *tag loira* registra um número significativo de vídeos com narrativas pornográficas

⁷ Entendemos o arquivo digital conforme Paveau (2014).

diferentes (como expressam as imagens 5 e 6). No entanto, esse arquivo atesta uma leitura que demonstra a existência da sexualização, objetificação e mercantilização do corpo feminino no site pornográfico, características da FD Sexualizadora. Posto isto, o corpo-mercadoria toma forma através das materialidades linguísticas existentes na discursividade do próprio arquivo.

É justamente por isso que o “fato da língua” (PÊCHEUX, 2010 [1982], p. 58) não pode ser ignorado no gesto de leitura do arquivo. Como explica Dias (2015), não se deve tomar como evidência os resultados gerados na busca do arquivo; sendo assim, os dados/números resultantes não podem ser analisados apenas na perspectiva quantitativa: é preciso compreender como esses dados significam e como a historicidade se manifesta neles.

As designações utilizadas ao longo do tempo na pornografia colaboram para a criação de tipos específicos de conteúdos pornográficos. Esses tipos se apresentam através das *tags* no Xvideos. Há certas *tags*, por exemplo, que foram consolidadas ao longo do tempo em sites pornográficos, tais como *MILF* (*mom I would like to fuck* no inglês – *mãe que eu gostaria de foder*, em tradução livre); *shemale* (termo utilizado para se referir às mulheres trans, utilizando do pronome *she/ela* somado ao substantivo *male/macho*) e *Gang bang* (relação sexual entre uma mulher e vários homens ao mesmo tempo).

De acordo com Mazieres *et al.* (2014), visto que as *tags* não são distribuídas aleatoriamente, elas apresentam informações que são elementares. Segundo os autores, as *tags* deixam rastros de bilhões de usuários que acessam os sites pornográficos diariamente; dessa forma, elas demonstram uma cultura de preferências (MAZIERES *et al.*, 2014).

Essa cultura de preferências de que falam Mazieres *et al.* (2014) pode ser entendida pela AD como repetibilidade (ACHARD, 1999). Segundo Achard (1999), há uma relação entre discurso e repetição, ou seja, há certas repetições que estruturam o discurso. E, para o autor, essa repetição, na AD, retoma uma memória já regularizada.

Essas noções de cultura de preferências e repetibilidade que foram mobilizadas são atestadas pela própria conta “Puto2017”, que disponibilizou o vídeo da jornalista (SD1) no Xvideos e que possui uma variedade de materiais de mulheres jornalistas trabalhando. O número de vídeos, seguidores, comentários e visualizações legitima que há uma cultura de preferências e uma repetibilidade dos corpos das mulheres jornalistas no site pornográfico. Elas se tornam parte das categorizações disponíveis nesse espaço enunciativo informatizado.

Indursky (2013) reforça que um texto não é independente, já que, sob sua superfície, há outras palavras e enunciados que aparecem. Isso está ligado aos já-ditos que são exteriores à própria palavra. Essa é uma relação que é relevante para se pensar sobre a constituição e os efeitos de sentido das *tags*. Há nas *tags* um regime de repetibilidade e o funcionamento dessa repetição se dá a partir do que mais circula dentro da plataforma pornográfica.

Para pensar nisso, voltamos à SD1: a designação *safadinha* utilizada para se referir à jornalista não corresponde ao que é apresentado no vídeo em questão. No entanto, entende-se que o sujeito-usuário-produtor utilizou a tag *safadinha* por possuir uma circulação elevada dentro do espaço. Dessa forma, as *tags* acabam interpelando os sujeitos-usuários-consumidores a clicarem nos vídeos.

Quando se acessa um site pornográfico, se tem a possibilidade de escolher algum vídeo que aparece na primeira página da plataforma, porém, a navegação também pode ser feita através das *tags*. As *tags*, por sua vez, limitam o número de resultados a partir de determinada busca. Dentro da lógica de funcionamento dos vídeos no espaço virtual pornográfico, o funcionamento da *tag* é fundamental, pois, para que o sujeito-usuário-consumidor chegue ao vídeo a que gostaria de assistir, ele utiliza do verbal que se expressa através das *tags*. Por exemplo, no vídeo da SD1, as *tags* funcionam não apenas como um mecanismo para designar, mas também como um mecanismo de busca, pois através delas se acessa outros vídeos. Nesse processo, o

usuário que hospeda o vídeo precisa rotulá-lo de uma forma que seu material circule bastante pela plataforma.

3 Considerações finais

Ao analisarmos as *tags*, constatamos que, no processo de, o sujeito-usuário-produtor mobiliza itens lexicais que estão vinculadas às projeções imaginárias. As *tags* não funcionam apenas como o imaginário de quem está hospedando o vídeo, mas também como o imaginário de quem o acessa, isto é, o sujeito-usuário-consumidor. Sendo assim, as formações imaginárias estão determinadas pela FD sexualizadora, pela qual o sujeito-usuário-produtor e o sujeito-usuário-consumidor estão interpelados.

Segundo Orlandi (2011, p. 198), “o tipo (produto) é um funcionamento discursivo (processo) que se cristaliza historicamente, dada a dinâmica das condições de produção”, ou seja, “certas configurações se institucionalizam e se tornam típicas, constituindo, historicamente, modelos para o funcionamento de qualquer discurso”. Nesse contexto, a escolha das *tags* pelo sujeito-usuário-produtor é um gesto de significação.

As *tags* são efeitos de uma determinação sócio-histórico-ideológica de quem hospeda os vídeos. De acordo com Bakonyi (2012), elas são invenções e reflexos do sujeito-usuário-produtor a partir de seu próprio contexto e da forma como ele forja imaginariamente a ideologia. Afetado por uma formação discursiva sexualizadora, os corpos das mulheres jornalistas circulam como corpos-mercadorias, funcionamento que reproduz a ideologia dominante patriarcal.

Referências

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. *In*: ACHARD, P.; DURAND, J.-L.; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. **Papel da Memória**. 1. Ed. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-17.

BAKONYI, B. **Gender ideologies on adult video-sharing websites**. 77f. Dissertação (Mestrado em Media, Culture and Society) – Erasmus School of History, Communication and Culture, Erasmus University of Rotterdam, Rotterdam, 2012. Disponível em: <https://thesis.eur.nl/pub/12318>. Acesso em: 21 fev. 2021.

CUNHA, H. Diminutivo: o grau que afaga ou afasta. **Revista Philologus**, v. 60, p. 992-1000, 2014.

DA CAMPO, L. **Mulheres jornalistas em site pornográfico: uma análise discursiva pelo viés da designação**. No prelo.

DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do *corpus*. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 44, p. 972-980, 2015.

ERNST, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição do *corpus* discursivo. *In: IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso, 2009, Porto Alegre. v. 1. Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

FUNCK, S. Gênero e(m) discurso(s). **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 17, p. 481-484, 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200010>

GALLO, S. Sobre a normatização vigilante dos discursos midiáticos. *In: V LAVIT'S*, 2017, Santiago. **Anais V Simpósio Internacional LAVIT'S: Vigilância, Democracia e Privacidade na América Latina: vulnerabilidades e resistências**. Santiago: Universidade do Chile, 2017. p. 426-438.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. *In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.). A Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Clara Luz, 2007. p. 123-134.

INDURSKY, F. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e à deriva. **Signo y Seña - Revista del Instituto de Lingüística**, v. 24, p. 91-104, 2013.

KEILTY, P. Desire by design: pornography as technology industry. **Porn Studies**, Reino Unido, v. 5, p. 338-342, 2018. DOI <https://doi.org/10.1080/23268743.2018.1483208>

MAZIERES, A; *et al.* Deep tags: toward a quantitative analysis of online pornography. **Porn Studies**, Reino Unido, v.1, p. 80-95, 2014. DOI <https://doi.org/10.1080/23268743.2014.888214>

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 8ed, 2009.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.

PAVEAU, M.-A. **Les énoncés natifs du web: analyse du discours des réseaux sociaux numériques (Twitter, Facebook, Pinterest)**. Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/anexos/MAP-Conf.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2021.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997 [1975]. p. 163-187.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2009 [1975].

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010 [1982].

VINHAS, L. I. Esquecimento(s). *In*: FERREIRA, M. C. L. (org.). **Glossário de termos do discurso: edição ampliada**. 1. Ed. Campinas: Pontes, 2020. p. 91-96.